

Ensino superior em Turismo: refletindo sobre a pedagogia das competências, a Taxonomia de Bloom e os valores do *Tourism Education Future Initiative* (TEFI)

Roberta Leme Sogayar¹
Miriam Lona²

Resumo

O presente artigo trata de saberes fundamentais à prática educativo-crítica, e apresenta alguns conceitos básicos da pedagogia por competências aplicada ao ensino superior do Turismo no Brasil. Ao se apresentar as diretrizes do *Tourism Education Future Initiative* (TEFI), busca-se um novo olhar sobre as competências requeridas do profissional da área, de forma a se refletir sobre a educação do Turismo para o futuro, onde ele possa desenvolver os próprios talentos, habilidades e competências. Apresenta um estudo de caso de aplicação dos valores TEFI na estruturação curricular de um curso superior de Turismo nos Estados Unidos, com a utilização da taxonomia de Bloom e discussão das competências aplicadas a iniciativa. Ao final recomenda-se a taxonomia de Bloom para dar suporte ao desenvolvimento TEFI nas diferentes propostas curriculares do ensino superior do Turismo no Brasil e no Mundo.

Palavras-chave: Competências. Ensino superior em Turismo. Taxonomia de Bloom. TEFI.

Introdução

Muitas são as competências requeridas dos profissionais do Turismo, nos dias atuais, em termos de habilidades técnicas, conhecimentos gerais, postura, ética e disposição para o aprendizado por toda carreira. Estas competências têm sido definidas por diferentes autores, como forma de contribuir para os processos de seleção de pessoal, treinamento, avaliação de desempenho e também na formação do indivíduo nas universidades.

Neste contexto, o presente artigo se propõe a analisar e discutir algumas teorias sobre competências e apresentar as diretrizes do *Tourism Education Future Initiative* (TEFI), como reflexão sobre a educação do Turismo para o futuro.

¹ Graduada em Turismo, Especialista em Educação Ambiental, UNESP, Mestre em Administração de Parques, Turismo e Lazer, Western Illinois University e Mestre em Hospitalidade, Universidade Anhembí Morumbi. Professora e investigadora da Escola de Turismo e Hospitalidade da Universidade Anhembí Morumbi, São Paulo.

² Graduada em Engenharia Elétrica pela UMC e Administração de Empresas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Educação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora da e pesquisadora da Escola de Turismo e Hospitalidade da Universidade Anhembí Morumbi, São Paulo.

A questão que se pretende responder é a de como a proposta do TEFI irá contribuir para a educação do Turismo no futuro, sem perder de vista as competências requeridas sobre o profissional desta área. Apesar de o grupo TEFI ser recente, a importância do grupo é de estar atento com a formação profissional para um horizonte de 20 anos.

As mudanças que observamos no mundo dos negócios, influenciadas pela globalização e a alta competitividade levam as organizações a buscarem cada vez mais profissionais competentes, ou seja, consideram no indivíduo fatores como conhecimentos, habilidades, atitudes, desempenho e resultados, de forma a serem aptos a conduzir estas empresas ao sucesso.

Em relação ao Turismo, observa-se que cada vez mais os profissionais têm sido cobrados em apresentarem um conjunto de competências, tais como: visão estratégica, responsabilidade, saber aprender e comprometer-se com os objetivos da organização, entre outros. Este novo cenário leva as universidades a reverem suas práticas e a se preocuparem em como devem preparar o indivíduo que irá atuar neste mercado.

Aprendizado e competências para o Turismo

O Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI observa que o desafio para a educação baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, que também significa aprender a aprender, para que a pessoa possa se beneficiar das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida toda, a seleção e o relacionamento das informações; aprender a fazer, a fim de adquirir as competências que a tornem apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe, compartilhar as descobertas, além de desenvolver competências e habilidades; aprender a viver, no respeito aos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz, de forma a interagir com vários grupos, e também de preservar os valores éticos necessários à convivência humana; e, aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com autonomia, discernimento, responsabilidade pessoal, e a tomada de decisões. (DELORS, 2001)

Nada mais adequado do que pensar na educação do cidadão do século XXI primeiro como unidade intelectual e corporal, segundo como um indivíduo capaz de gerenciar seus próprios meios de continuar a conhecer e aprender, e, terceiro que ele utilize estes

conhecimentos de forma consciente e adequada para ajudar a si mesmo e aos outros. (LONA, 2006)

Neste processo de mudanças, as instituições superiores públicas e privadas se organizam, com vistas a atender este novo paradigma educacional. No entanto, percebe-se que o desenvolvimento docente e o processo de ensino e aprendizagem se tornaram acontecimentos paralelos.

O sistema educacional brasileiro vem acumulando, ao longo de muitos anos, histórias de fracasso no processo de ensino-aprendizagem. Culturalmente, esta derrota é delegada às características inatas do aluno e às condições do ambiente, mas muito se deve à maneira como os educadores atuam, aos métodos que escolhem, às atitudes que adotam no cotidiano de trabalho e, também, à impossibilidade de utilização de métodos apropriados, capazes de oferecer um ensino que promova uma aprendizagem efetiva. (ROSSIT E ZULIANI, 2004 apud BEILE et al, 2006, p.405)

Com vistas a se adequar as mudanças sociais, o ensino superior vem demonstrando cada vez mais interesse em novas práticas educacionais, que levem a formação de um novo profissional capaz de saber aprender a aprender, a trabalhar em equipe, preservar os valores éticos e agir com autonomia, como indica a pedagogia por competências, que “visa a trabalhar as aptidões individuais no sentido de efetivá-las em situações reais e em processos complexos, agindo com discernimento”. (LUCCHESI e BARROS, 2006)

O ensino por competências tem suas raízes históricas na “formação e avaliação do desempenho da força de trabalho, diante das novas exigências postas pelo padrão de acumulação capitalista flexível ou toyotista: competitividade, produtividade, agilidade e racionalização de custos” (DELUIZ, 2001, p.2).

O conceito de competência apresentado por Robbins (2004) é o de que o profissional deve desenvolver as suas habilidades e capacidades necessárias para realizar aquilo que está prometendo. Para o autor, a competência é composta, então, pelas habilidades, atitudes e os conhecimentos técnicos e interpessoais do indivíduo.

De acordo com Deluiz (2001) o processo de definição de competências acontece de fora para dentro das universidades. O mercado define quais são as competências e habilidades necessárias para a atuação do profissional e as universidades adequam seus planos de ensino, suas grades curriculares para se adaptarem as necessidades do mercado.

No modelo de competências importa não só a posse dos saberes disciplinares escolares ou técnico-profissionais, mas a capacidade de mobilizá-los para resolver problemas e enfrentar os imprevistos na situação de trabalho. Os

componentes não organizados da formação, como as qualificações tácitas ou sociais e a subjetividade do trabalhador, assumem extrema relevância. O modelo das competências remete, assim, às características individuais dos trabalhadores. (DELUIZ, 2001, p.2)

Na mesma perspectiva, Dutra (2002) aponta que as competências essenciais de qualquer profissional podem ser identificadas com base em diferentes processos, e, que elas partem da compreensão dos objetivos organizacionais, tais como: competências organizacionais, em que se baseiam nos aspectos diferenciais da organização; caracterização de processos críticos, de forma a auxiliar na manutenção ou no desenvolvimento destes processos; e, na condução das carreiras profissionais através da caracterização necessária para a organização e o processo de desenvolvimento de cada profissional, como por exemplo, para o gerente as competências essenciais poderiam ser a orientação estratégica, liderança e gestão de recursos, entre outros.

Para Zabala e Arnau (2007) a competência consistirá na intervenção eficaz nos diferentes âmbitos da vida mediante ações que mobilizam, ao mesmo tempo, de forma interrelacionada, componentes comportamentais, procedimentais e conceituais.

Optar por uma educação baseada em competências representa a busca de estratégias de ensino que situem seu objeto de estudo na forma de dar resposta satisfatória a situações reais e, portanto, complexas. Dado que estas situações reais nunca serão aquelas em que se vai encontrar o aluno na realidade, podemos aceitar, em qualquer caso, que as aplicações concretas das competências, as do futuro, não podem ser ensinadas, mas podem-se ensinar os esquemas de ação das competências e sua seleção e prática nos distintos contextos generalizáveis. (ZABALA e ARNAU, 2007, p.42, tradução própria)

Uma vez que a universidade deve formar o profissional de hoje e do futuro, as estratégias de ensino por competências podem ser pensadas a partir da Taxonomia de Bloom. Esta Taxonomia foi criada por Benjamin Bloom em 1956 e propunha objetivos educacionais pautados em três domínios distintos, sendo: cognitivo, afetivo e psicomotor. (SALLES, 2010)

Nesta abordagem, o domínio cognitivo é desenvolvido através de seis categorias principais, conforme a figura 1. Os níveis descritos por Bloom (1956, tradução própria) apontam que o aluno inicialmente deve ter o conhecimento sobre o assunto estudado, para que depois ele passe para o próximo nível cognitivo que é o da compreensão, onde o aluno poderá interpretar ou inferir sobre o conhecimento previamente adquirido. O terceiro nível pede que o aluno aplique o conhecimento e a compreensão adquiridos anteriormente na resolução de

problemas. O próximo passo seria o da análise, aonde o aluno irá, de forma clara e organizada, explicar como ele aplicou determinado conhecimento. No nível da síntese o aluno deve constituir e representar, a partir de análises, padrões ou estruturas que antes não haviam sido evidenciadas. E finalmente, o nível de avaliação que acontece a partir de sínteses e critérios selecionados.

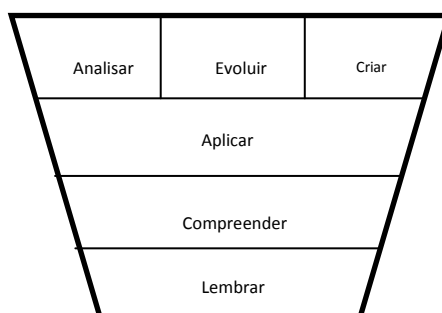


Figura 1: Objetivos educacionais propostos pela Taxonomia de Bloom
Fonte: SALLES (2010)

Percebe-se que a Taxonomia de Bloom pode ajudar o professor a estabelecer aonde quer chegar ao processo ensino-aprendizagem, entretanto, para utilizar esta metodologia é necessário planejar as sequências didáticas de forma que garantam a eficácia e a eficiência no processo de aprendizagem significativa.

Parte-se do pressuposto que a aprendizagem significativa acontece a partir do momento em que os novos conteúdos se relacionam com aquilo que o aluno incorporou à sua estrutura cognitiva, que esteja relacionado às suas experiências. As sequências didáticas, a serem adotadas pelo professor devem levar em consideração primeiramente o que se quer ensinar, baseando-se nos seguintes elementos: fatos, conceitos e princípios, procedimentos e atitudes. Ainda deve considerar se a sequência promove a autoestima individual ou do grupo, se gera uma atitude favorável em relação aos novos conteúdos que estão por vir e finalmente auxilie o aluno a aprender a aprender. (KOBBER, 2010)

A renovação se dará a partir de vivências em contato direto com a realidade, do desenvolvimento de práticas educativas baseadas na observação, experimentação, encaminhamento de questões metodológicas e pela integração da teoria e da prática. Desta forma, o aluno poderá desenvolver novas competências capazes de integrar aprendizagem e vida, saber e prazer, sentimento e ação; competências capazes de promover o pleno desenvolvimento da pessoa e do profissional.

Em sintonia com a proposta de Bloom, uma ação de educação pensada para o ensino-aprendizagem em Turismo surgiu quatro anos atrás: o *Tourism Education Future Initiative* (TEFI). Preocupados com os novos processos de aprendizagem e das competências requeridas aos profissionais de Turismo, um grupo internacional de pesquisadores e professores tem se reunido com o propósito de troca de informações, experiências e alinhamento de conteúdos para a educação superior de qualidade.

Tourism Education Future Initiative

O *Tourism Education Future Initiative* (TEFI) teve início em 2007 com a formação de um grupo de proeminentes pesquisadores, docentes e membros do setor privado, que se reuniram com o objetivo de discutir o direcionamento do ensino superior do Turismo para a formação de líderes do futuro.

No primeiro encontro procurou-se identificar quais eram as lacunas na educação do Turismo do futuro, não somente em formato de tendências, mas também de ações tangíveis e passíveis de serem mensuradas. Além desta questão, os participantes também foram chamados a pesquisar as ações que poderiam afetar o mundo drasticamente no período de 2010 a 2030 e que afetariam diretamente o ensino do Turismo. De forma sintetizada, as questões apontadas foram: mudanças no mercado global (fluxo, tipo de Turismo consumido, valorização da diversidade cultural), avanços tecnológicos (formatação, operacionalização, planejamento e organização), mudanças climáticas (padrões de viagens, legislação), sustentabilidade, mudanças na forma de gestão (*glocalização*, formatos virtuais, extinção de formatos atuais), processos de seleção, treinamento e retenção de mão de obra qualificada (percepção, sensibilidade intercultural, habilidades analíticas, pensamento crítico) e mudanças demográficas (aumento da classe média, idade dos viajantes, papel da mulher, desigualdade de renda, oportunidades de migração, dentre outros). (SHELDON et al, 2011)

Ainda como parte do primeiro encontro, os participantes deveriam também refletir sobre as capacidades e áreas do conhecimento que os alunos de graduação e pós-graduação em Turismo deveriam desenvolver para estarem conectados com as mudanças previstas. Os temas não indicavam apenas mudanças de competências técnicas, mas principalmente as competências pessoais, tais como: a utilização do senso comum, a criatividade, a sensibilidade às diferentes necessidades dos grupos populacionais diversos, a construção e a

liderança de sistemas adaptativos complexos, ética, respeito mútuo, patriotismo, aprendizado do amor ao próximo e a compreensão dos valores humanos que permitam uma vida pacífica, e, o compromisso constante da utilização das múltiplas plataformas de aprendizado, dentre outras.

Neste primeiro encontro procurou-se alinhar os desafios da educação pautada em valores, identificar as áreas prioritárias na educação global do futuro e os possíveis impactos na formação e no desenvolvimento humano, bem como seria realizada a inserção destas mudanças no currículo para que os cursos de Turismo se mantivessem contemporâneos. (SOGAYAR, 2010)

Ao final do encontro de 2007, a missão do programa ficou estabelecida da seguinte maneira: “oferecer visão, conhecimento e uma base para os programas de educação em Turismo a fim de promover cidadania global e otimismo para um mundo melhor”. (SHELDON et al, 2011, p.3)

Os anos seguintes foram responsáveis pela formalização da concepção do TEFI e a estruturação de orientação para o ensino superior em Turismo pautado em cinco valores centrais, que os alunos devem incorporar, para se tornarem líderes responsáveis nos locais e espaços onde vivem e atuam. Os princípios da proposta (que são tratados como valores, sendo: ética, profissionalismo, zelo³, conhecimento e mutualidade) são interconectados devido à sua inter-relação e permeabilidade. A iniciativa sugere que os educadores podem usar os valores derivados dos cinco princípios básicos integrando-os em seus cursos conforme for apropriado. (SOGAYAR, 2010)

Conforme se observa na figura 2, o valor ÉTICA deve orientar o processo de decisão dos líderes do setor produtivo de Turismo, tornando os processos mais transparentes, com respeito às diferenças culturais, considerando os dilemas éticos e reconhecendo sua importância dentro do processo de gestão turística.

Na mesma figura, tem-se o valor CONHECIMENTO como sendo a informação se conectando ao conhecimento pré-existente, e, por sua vez, criado por meio de processos de

³ *Stewardship*: de acordo com Dicionário Webster o termo refere-se à conduta, supervisão, gerenciamento de algo, a gestão cuidadosa e responsável de algo encarregado aos cuidados alguém (tradução livre dos autores). Portanto, para este trabalho, o termo foi traduzido como zelo, por representar as características mencionadas. Disponível em <http://www.merriam-webster.com/dictionary/stewardship>. Acesso em: 19 fev 2010.

seleção, conexão e reflexão, o que significa que o conhecimento envolve interpretação e contextualização. De acordo com Sheldon et al (2011) o processo de criação de conhecimento deve abordar a criatividade, pensamento crítico e networking, além da inovação, por meio de processos cognitivos complexos de percepção, razão, aprendizado, comunicação, associação e aplicação, para promover a mudança.

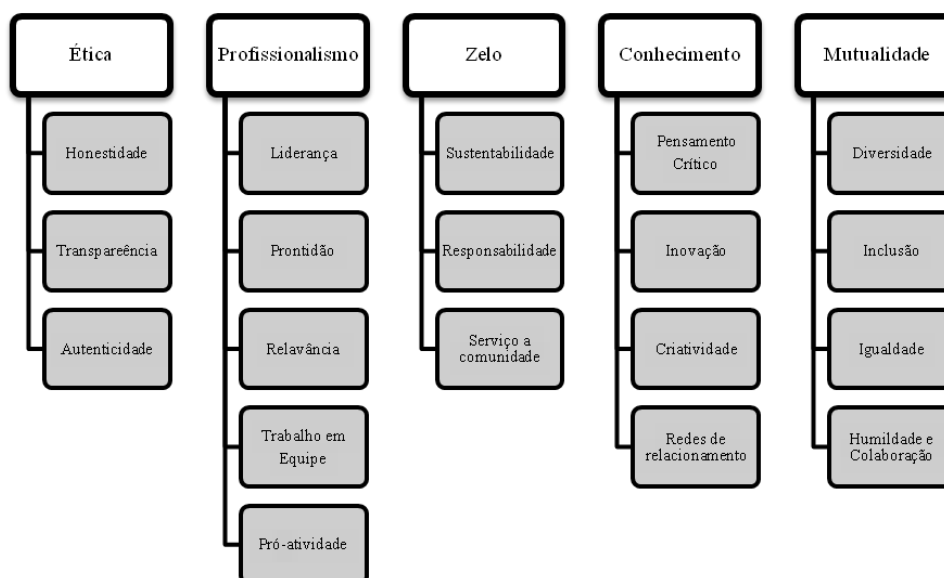


Figura 2: Princípios derivados do TEFI
Fonte: SOGAYAR (2010)

A figura 2 também mostra que o valor ZELO refere-se aos cuidados que se deve ter com o planeta e está distribuído nas plataformas: sustentabilidade, responsabilidade e serviço à comunidade. O desenvolvimento destas plataformas sugere a preocupação com a gestão de recursos e minimização de impactos ambientais e econômicos, equilíbrio dos sistemas sociais, e a existência de direitos, deveres e sentido de comunidade. Além destes, reconhece que tanto o corpo discente como docente irão avaliar criticamente o impacto de suas próprias viagens e as formas de minimizá-los, na condição de gerentes e empregados do setor do Turismo. (SHELDON et al, 2011)

O PROFISSIONALISMO, por sua vez, é definido como a “habilidade de alinhar a conduta pessoal e organizacional com os padrões éticos e profissionais, que incluem a responsabilidade para com o cliente, hóspede, comunidade e orientados ao servir, o compromisso de aprendizado e melhoria por toda a vida” (SHELDON et al, 2008 p. 18,

tradução própria). Considera não apenas as competências e habilidades, mas também, as atitudes e os comportamentos que reflitam esse profissionalismo. (SOGAYAR, 2010, p.76)

O valor respeito mútuo considera a MUTUALIDADE como um processo contínuo e dinâmico, que pode ser desenvolvido em diversos níveis, do individual ao global. Este valor considera a necessidade do autoconhecimento (compreensão da própria identidade), o reconhecimento e a percepção da visão de outras pessoas e pode ser desenvolvida através de interações abertas, comunicação construtiva, gerenciamento de conflitos e apreciação de diversas opiniões, conforme sinaliza Sheldon (2011).

O caso da Temple University

Uma proposta, de implementação dos princípios TEFI no desenvolvimento curricular, foi desenvolvida na Temple University, na Filadélfia, Estados Unidos, no ano de 2009. A professora Elisabeth Barber, diretora da Escola de Hospitalidade, coordenou sua equipe docente para a reestruturação do currículo para os valores TEFI. Inicialmente os docentes analisaram cada disciplina do currículo e identificaram a presença dos valores, nas disciplinas existentes, e também realizaram a inserção dos mesmos, nas disciplinas que não apresentavam nenhum valor, de forma implícita ou explícita. Vale ressaltar que esta inserção foi realizada com base no conhecimento prévio de cada disciplina e adequação de conteúdo. A partir desta etapa foi identificado que todos os valores poderiam atuar progressivamente no desenvolvimento curricular e, sendo assim, a Taxonomia de Bloom foi decisiva para a confecção dos objetivos de aprendizagem. Os docentes envolvidos no processo identificaram as melhores estratégias educacionais, para o alcance dos objetivos de aprendizagem levando em consideração os diferentes níveis cognitivos, emocionais e psicomotores propostos por Bloom. O estágio final referiu-se ao processo de avaliação dos cursos pelos docentes e pelos discentes. Os alunos tiveram que avaliar sua percepção sobre sua aprendizagem, sua atitude e mudança de comportamento devido o desenvolvimento de um valor, dentro de uma disciplina no programa. (BARBER, 2011)

Adiciona-se ainda que durante a execução do estágio obrigatório do programa (600 horas) ao final do curso, os alunos deveriam detalhar objetivos mensais para sua função, bem como, para sua atitude, destacando qual valor chave deveria ser trabalhado naquela função. Do outro lado, o supervisor de estágio local avaliava o aluno com base na descrição dos

valores TEFI, que foram descritos por critérios que traduzem os valores em ação. Por exemplo, o valor ética se desdobra nos seguintes critérios: a. o aluno realiza suas tarefas plenamente; b. segue direções e instruções; c. toma decisões baseadas em princípios e informações; d. demonstra habilidade de prever consequências de suas escolhas; e. age com integridade no ambiente de trabalho; f. se comporta com as normas da empresa e com o código de ética profissional e g. demonstra consciência da responsabilidade de sua posição.(BARBER, 2011)

A professora Elisabeth Barber ressaltou que o projeto necessita de constante avaliação e monitoramento, tanto para a adaptação dos objetivos de aprendizagem, quanto na adequação das ferramentas pedagógicas, visando estabelecer parâmetros iniciais que possibilitem a comparação dos resultados ao longo do processo, que irão favorecer o acompanhamento da evolução dos alunos e do projeto.

Desta forma, este estudo de caso indica a possibilidade da mudança curricular orientada aos valores TEFI, considerando a pedagogia das competências e a utilização da Taxonomia de Bloom para seu eficaz desenvolvimento.

Considerações finais

Nos dias atuais, dois tipos de ensino são ressaltados: o ensino voltado para a sociedade do conhecimento, e, aquele que vai além da sociedade do conhecimento. Um não deve ser excludente do outro, uma vez que “o ensino voltado para a sociedade do conhecimento prepara o aluno para a prosperidade econômica, mas limita as relações das pessoas ao instrumental e econômico”, levando esta sociedade a canalizar seus desejos e paixões para o consumismo e o entretenimento, distanciando-se das interações humanas. (HARGREAVES, 2003, p.72)

Nesta perspectiva, o mesmo autor aponta que o ensino deve ser desenvolvido para as necessidades da sociedade atual, pois, se as pessoas não tiverem o preparo para o modelo de sociedade em que vivem, elas serão excluídas, uma vez que não apresentam as características básicas para a sua sobrevivência. Desta forma, observa-se a complexidade do momento em que vivemos que é o de educar para o profissional atual, contemporâneo, mas também, para aquele que irá atuar no futuro, com outras exigências e possibilidades.

Neste contexto, a pedagogia por competências, a taxonomia de Bloom e o TEFI estão alinhados para desenvolver o caráter do indivíduo e construir uma identidade cosmopolita levando a reconciliação entre os objetivos econômicos e sociais da educação, preparando as pessoas não somente para ganhar a vida, mas também para viver a vida.

Recomenda-se a Taxonomia de Bloom, como ferramenta de acompanhamento da evolução do aprendizado em competências, pautado nos valores TEFI, que poderá contribuir para a formação de pessoas aptas a se tornarem líderes do futuro no setor de Turismo.

Pela abrangência do tema e sua importância, entende-se que este merece maior atenção, e nesse sentido, um grupo de pesquisadores e professores, da graduação dos cursos de Turismo e Hotelaria da Universidade Anhembi Morumbi, foi criado em 2011 para tratar os valores TEFI em todos os seus aspectos, e desta maneira contribuir para novos olhares sobre a educação no presente e no futuro.

Referências

- BARBER, E. Case study: integrating TEFI (Tourism Education Futures Initiatives) core values into the undergraduate curriculum. *Journal of teaching and travel and tourism*, v.11, n.38, p.38-75, 2011.
- BELEI et al. Profissionalização dos professores universitários: raízes históricas, problemas atuais. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v.87, n.217, p.401-410, set/dez, 2006.
- BLOOM et al. *Taxonomy of educational objectives*. In: Handbook I: cognitive domain. New York: Mckay, 1956.
- DELORS, Jacques. *Educação um tesouro a descobrir: relatório para Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- DELUIZ, N. O modelo das competências profissionais no mundo do trabalho e na educação: implicações para o currículo. *Boletim Técnico do SENAC*. Rio de Janeiro. v. 27, n. 3, p. 12-25, dez., 2001. Disponível em: <http://www.senac.br/BTS/273/boltec273b.htm>. Acesso em 28/set/2009.
- DUTRA, J. S. *Gestão de pessoas: modelos, processos, tendências e perspectivas*. São Paulo: Atlas, 2002.
- HARGREAVES, A. *Teaching in the knowledge society: education in the age of insecurity*. Teachers College, Columbia University, 2003.
- KOBER, C. Organização de conteúdos. In: *Curso de extensão em Metodologia do Ensino Superior*. Universidade Anhembi Morumbi. Notas de aula, 2010.
- LONA, M.T. Análise de conteúdos hipertextuais e hipermediáticos de ambientes de Educação a Distância (EAD): O caso do IUVB – Instituto Universidade Virtual Brasileira. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.
- LUCCHESI, R. e BARROS, S. Pedagogia das competências - um referencial para a transição paradigmática no ensino de enfermagem – uma revisão da literatura. In *Revista Acta Paul Enferm*, v. 19, n.1, p.92-9, 2006.

ROBBINS, S. P. *Fundamentos do Comportamento Organizacional*. 7ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004

SALLES, M. *Taxonomia de Bloom e a web*. In: Miriam Salles, informática educacional, ciência e meio ambiente. Disponível em: <http://miriamsalles.info/wp/?p=5193>. Acesso em 15 dez 2010.

SHELDON, P.J., FESENMAIER, D.R., WOEBER, K., COOPER, C., ANTONIOLI, M. Tourism education futures, 2010-3=2030: building the capacity to lead. *Journal of teaching in travel & tourism*, v. 7, n.3, p.61-68, 2008.

SHELDON, P.J., FESENMAIER, D.R., TRIBE, J. The tourism education futures initiative (TEFI): activating change in tourism education. *Journal of teaching in travel in tourism*, v.11, n.1, p.2-23, 2011.

SOGAYAR, R. L. Hospitalidade no ensino superior em turismo: estudo de caso do programa *Tourism Education Future Initiative*. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Anhembí Morumbi, São Paulo, 2010.

ZABALA, A. e ARNAU, L. *La enseñanza de las competencias*. Aula de Innovación Educativa, nº 161, 2007, p. 40 a 46. Disponível em: http://www.oriapat.net/documents/Competencias_Zabala.pdf Acesso em: 28/set/2009.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.